

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo Class.: \_\_\_\_\_

Data: 08/10/74 Pg.: \_\_\_\_\_

# Kranhacárores irão mesmo para o Xingu

**ELIANA LUCENA**  
Da Sucursal de Brasília

Apesar de ser defensor intransigente da permanência dos grupos indígenas em seu habitat, o sertanista Claudio Villas Boas acha que somente a rápida remoção dos índios kranhacárores do rio Peixoto de Azevedo para o Parque Nacional do Xingu salvará esta comunidade de um total extermínio. Nos próximos 10 dias, auxiliado pelos kaiabi, o sertanista acertará os detalhes finais para transferência dos 150 índios que irão ocupar uma aldeia distante uma hora de barco do Posto do Diauarum.

"Sempre fui contra qualquer tipo de transferência de índios em decorrência da ocupação de suas terras por civilizados" — afirma Claudio. "Mas, no caso dos kranhacárores, seria uma desumanidade deixá-los em suas aldeias, de onde eles podem escutar o barulho da estrada Cuiabá-Santarém, que exerce sobre eles uma atração irresistível. Se essa situação permanecer por mais tempo, creio que dentro de cinco anos este grupo desaparecerá".

Claudio Villas Boas acha que o Parque do Xingu ainda apresenta as condições ideais para garantir uma vida tranquila aos 15 grupos indígenas ali radicados, "a não ser que uma outra rodovia BR-080 mutila novamente o parque, trazendo as frentes pioneiras que ameaçam a harmonia existente".

Normalmente tímido e reservado, Villas Boas sempre se

exalta quando fala dos problemas levados pela BR-080, a Xavantina-Cachimbo, que cortou o parque ao Norte. Depois de ouvir protestos durante meses seguidos, em todo o mundo, o governo decidiu desmembrar do Xingu essa região e doar outra área ao Sul para compensar a parte perdida. Mas o decreto presidencial não resolveu o problema, pois a 20 quilômetros de uma aldeia txucarãmãe — índios kaipó bastante temidos — surgiu um povoado denominado Piaruçu, que está se expandindo apesar das constantes advertências dos irmãos Villas Boas e dos próprios índios, cada vez mais irritados com a proliferação de bares e o surgimento de casas de prostituição no núcleo pioneiro.

Na semana passada, Claudio, acompanhado de um antropólogo da Funai, e de uma agente da Polícia Federal, esteve com moradores de Piaruçu, liderados pelo fazendeiro Sebastião Amancio. Como das outras vezes, conta Claudio, o diálogo foi ríspido e a recepção dos moradores pouco amigável. Até armas foram apontadas para a comitiva. Sidney Possueto, sertanista que trabalha no parque, declara-se desanimado em tentar resolver o problema de Piaruçu. "Os líderes locais têm consciência de que o povoado não pode continuar ali, pois trata-se de uma área interdita, mas não querem abandoná-lo e tentam nos intimidar, chamando-me inclusive de comunista".

### UMA VIDA MAIS LIVRE

Mas, apesar dessas problemas e da crescente ocupação do

Centro-Oeste, Claudio Villas Boas tem plena consciência de que os índios vivem muito bem no Xingu, ainda plenamente arraigados à sua vida tribal. Existe, indiscutivelmente, um grande laço ligando as diversas tribos do Alto Xingu que falam oito línguas diferentes e apesar de pertencerem a grupos Tupi, Karib, Aruak e Jê, apresentam uma semelhança psicológica e temperamental: seus hábitos são os mesmos, organizam-se identicamente e possuem em comum as mesmas crenças e superstições.

Além disso, formam uma nação consciente e orgulhosa de sua diferença étnica e, ao contrário de numerosos grupos indígenas brasileiros, têm absorvido do civilizado apenas os benefícios trazidos pela sua tecnologia, mas mantêm coesos seus valores culturais. Essas observações por certo foram sentidas pelo ministro Rangel Reis e sua comitiva, que durante algumas horas visitou o parque e conversou com os índios. Tarunam, chefe dos laupapiti, ao ser perguntado pelo ministro se gostaria de ir para a cidade, respondeu convicto que preferia permanecer no Xingu.

Desse universo, criticado por alguns "por ser uma experiência que não leva em conta a realidade de que o índio será jogado para convívio com a civilização, esteja ele preparado ou não para isso", farão parte, dentro de pouco tempo os kranhacárores. Depois de quase dois anos de contato com o branco, esses índios já conheceram as epidemias, desvios sexuais e até a mendicância.